

ANGOLA

No rescaldo do reconhecimento americano

Na linha dos comentários feitos em *Notícias Africanas* nº 12, confirma-se o desejo norte-americano de dar uma virada na sua política africana. Como assinalou recentemente *The Washington Post*, "Clinton deu mais um passo no sentido de afastar os Estados Unidos das atitudes da guerra fria, que durante décadas moldou a política externa norte-americana".

O correspondente em Nova Iorque do semanário português *Expresso*, Tony Jenkins, alinhou uma série de fatos que corroboram um renovado interesse americano pela África subsaariana. Um dos sinais dessa nova atitude foi o fato invulgar de ser o próprio presidente da República a anunciar o reconhecimento de Angola e não, como seria de esperar, o secretário de Estado, Warren Christopher.

Jenkins, depois de anunciar que Sam Nujoma, presidente da República da Namíbia, será

recebido na Casa Branca em 16 de junho – sendo o primeiro chefe de Estado a ser recebido por Clinton –, sublinhou que os Estados Unidos tomavam uma medida sem precedentes: deixar, sob comando estrangeiro, cinco mil soldados na Somália fazendo parte da força de manutenção de paz da ONU.

Nessa linha de mudança da política africana dos Estados Unidos, acrescente-se mais dois fatos. O primeiro foi a realização neste mês de maio, no Departamento do Estado, de uma reunião tripartite com dirigentes franceses e belgas, a fim de estudar uma solução para a crise do Zaire, onde o ditador Mobutu mantém o país à beira do caos.

O segundo fato, ainda em maio, foi o primeiro discurso público de Tony Lake, conselheiro para a segurança nacional de Clinton, tendo como tema a África. "Não foi uma escolha acidental", afirmou. "A África ocupa lugar muito especial no meu trabalho

e nos meus sentimentos". Lake é um reconhecido africanista, oriundo da vida acadêmica. Ele prometeu um relacionamento "inteiramente novo" entre Washington e o continente africano, e explicou que ao ajudar as novas democracias na África estaria contribuindo para evitar crises como a da Bósnia, acrescentando que há também fatores estratégicos: "dentro de 10 ou 20 anos poderemos colher frutos econômicos e comerciais de um mercado aberto em África e manter com ele relações estreitas".

Vendo o reconhecimento americano do lado angolano, soubemos que ele suscitou em Luanda grande entusiasmo popular que, como é do feitio da cidade, redundou em festa. Mas houve quem considerasse que se esse reconhecimento tivesse sido feito logo após as eleições, como prometido, possivelmente Angola não teria mergulhado numa nova guerra que, em pouco mais de seis meses, já causou perto de 20 mil mortos.

DEBATE

15-6-93

SEGUNDA-FEIRA

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS

DEMOCRATIZAÇÃO: OS CAMINHOS DA PAZ E PROCESSO ELEITORAL EM ANGOLA

ADRIANO PARREIRA: Embaixador de Angola na Bélgica e CEE

ANTONIO DA COSTA FERNANDES: Embaixador de Angola no Reino Unido

INFORMAÇÕES PELO TELEFONE 531-2000, RAMAL 259